

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
SÃO PAULO**

**LICENCIATURA EM LETRAS**

GABRIELA BRAZ DE ANDRADE

RENATA TEIXEIRA DE MATOS

THOMAZ MACHADO SILVA

**EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DE TEXTOS: UM  
OLHAR SÓCIO-HISTÓRICO PARA O NORTE-NORDESTE  
BRASILEIRO**

São Paulo  
2022

GABRIELA BRAZ DE ANDRADE  
(SP304999X)

RENATA TEIXEIRA DE MATOS  
(SP3050629)

THOMAZ MACHADO SILVA  
(SP3026671)

**EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DE TEXTOS: UM  
OLHAR SÓCIO-HISTÓRICO PARA O NORTE-NORDESTE  
BRASILEIRO**

Trabalho apresentado como parte das exigências para aprovação na disciplina de Metodologia do Ensino: Sintaxe da Língua Portuguesa I.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Lopomo Defendi

São Paulo  
2022

Temática: retirantes, migrantes nordestinos

## TEXTO I

### Baleia

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinha Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

— Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.

Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugar-los, resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como sinha Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

— Capeta excomungado.

Na luta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade. Safadinho. Atirou um cocorote ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens.

Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconveniência deixar cachorro doido solto em casa. Mas compreendia que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável.

Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos. Sinha Vitória encolheu o pescoço e tentou encostar os ombros às orelhas. Como isto era impossível, levantou os braços e, sem largar o filho, conseguiu ocultar um pedaço da cabeça. Fabiano percorreu o alpendre, olhando a baraúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis:

— Ecô! ecô!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um

buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros.

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis.

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas polegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente os preás tinham fugido.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas

desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

O objeto desconhecido continuava a ameaçá-la. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera.

Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro

descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

### **Exercícios - texto I**

1) Acima temos um capítulo de “Vidas Secas”, a obra mais prestigiada de Graciliano Ramos. Baleia é uma cachorra de estimação de uma família de retirantes e que os acompanha durante a corrida contra a fome e em busca da sobrevivência. Descreva o efeito de sentido culminado pela nomeação da personagem como “Baleia” e a ausência de nomes para os integrantes da família, uma vez que todos do grupo, inclusive a cachorra, eram extremamente raquíticos devido à fome.

R: É esperado que o aluno identifique a figura de linguagem “ironia” e explique o conceito desta, tendo como base o nome da personagem Baleia.

2) Observe o primeiro parágrafo do capítulo:

*A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida.*

a) É possível notar a presença de um parágrafo composto por três períodos e a ausência de conectivos entre eles. Qual efeito você acredita ter esse tipo de escrita para uma obra literária?

R: É esperado que o aluno aborde em sua resposta que num contexto literário a forma como as orações e períodos são apresentados é de suma importância para a

literariedade e estilística do texto e esses “cortes abruptos” que são presentes no primeiro parágrafo trazem a tona a dramatização que esse recurso sintático nos oferece.

b) Reescreva o parágrafo, de modo que haja pelo menos um conectivo entre os períodos de modo que o sentido do trecho permaneça o mesmo. Justifique a escolha dos conectivos utilizados.

R: Uma possibilidade de reescrita seria:

A cachorra Baleia estava para morrer, **uma vez que** tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas, **além de** as chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

O conectivo “uma vez que” é causal e tem uma relação de causa e efeito sobre a oração anterior. O conectivo “além de” é aditivo e acrescenta uma informação para a ideia já iniciada anteriormente.

3) Observe o trecho final do capítulo:

*Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.*

a) Dado o contexto miserável no qual a família é inserida e ao devanear nos últimos suspiros antes de sua morte, Baleia “lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano **enorme**”. Explique o sentido atrelado ao termo “enorme” nesse trecho e o porquê de o autor escolher o termo para adjetivar um Fabiano hipotético.

R: É esperado que o aluno faça a relação entre o estado físico raquítico de Fabiano na realidade da história e a ideia de que um Fabiano “enorme”, presente no devaneio de Baleia, seria o oposto disso.

Para além da semântica cunhada na palavra, ao fazer a escolha do termo para adjetivar a personagem Fabiano, é provável que o autor tenha também levado em consideração a questão estética do texto, uma vez que a palavra “enorme” é evocada mais três vezes, adjetivando outros substantivos, ou seja, performando

uma relação de repetição no texto que opõe uma fartura idealizada a uma realidade miserável.

b) Observe o número de vezes que o termo “enorme” aparece no trecho destacado. Qual o nome da figura de linguagem resultante dessa repetição? Qual efeito de sentido essa repetição traz para o texto?

R: É esperado que o aluno reconheça a figura de linguagem epífora (ou epístrofe) e sua contribuição no texto ao retomar o termo e as ideias atreladas a este.

c) Em “lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano **enorme**”, substitua o termo em destaque por outro adjetivo, ou locução adjetiva, sem que haja mudança de sentido.

R: Algumas possibilidades de respostas seriam: *lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano saudável / gordo / bem de vida.*

d) Levante hipótese(s) que reflita(m) sobre os termos destacados em “O mundo ficaria todo cheio de **preás, gordos, enormes.**” serem separados por vírgulas, uma vez que **preás** são substantivos e **gordos** e **enormes** são adjetivos, o que justificaria a não separação destas palavras.

R: É esperado que o aluno compreenda a intencionalidade do autor em enfatizar a caracterização do trecho ao usufruir da separação dos termos por vírgulas como recurso linguístico para dar ênfase especial à adjetivação destes animais. A insistência em utilizar palavras que partilham o campo semântico de fartura acentua a projeção desta visão da cachorra do plano onírico.

4) Uma das características principais de “Vidas Secas” é a maneira como termos e ações de humanização são associadas à Baleia, uma cachorra, e termos de zoomorfização são associados aos humanos da narrativa. Retire do texto trechos que comprovam que Baleia é atrelada a termos de humanização.

R: Uma possibilidade de resposta seria:

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. **Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido.** Não poderia morder

Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

É esperado que o aluno reconheça que o capítulo inteiro faz uma abordagem psicológica à Baleia com profundidade e que ações que são associadas a ela durante o texto são de muita subjetividade e que ações como “esquecer”, “esforçar” e o fato de a cachorra sonhar são traços humanos.

## **TEXTO II**

### **Morte e Vida Severina**

#### **O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE DE NADA**

– Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,

que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

### **Exercícios - texto II**

1) a) O trecho acima descreve a última cena de um dos maiores poemas dramáticos da literatura brasileira, “Morte e vida severina”, escrito pelo irreverente João Cabral de Melo Neto. Nele, observamos o desfecho do debate entre Carpina, catador de caranguejo que busca demover o retirante de seu intuito suicida, e Severino, que indagava repetidamente por um motivo para viver. A retomada do assunto neste trecho, se dá após uma grande celebração dedicada ao nascimento do filho de Carpina, uma verdadeira apologia à vida. Considerando que a obra insere-se em uma tradição temática regionalista, isto é, possui como lugar-comum a discussão e a denúncia da miséria e seus agravantes sociais no Norte e Nordeste brasileiros, como se coloca a questão da vida e da morte no recorte analisado?

R: É possível observar o debate sobre o escapismo socioeconômico por meio da morte. Morte esta, entretanto, que se diferencia exponencialmente das cenas de suicídio românticas; nestas existe um sentido de assunção ou dignificação do ato. Aqui, o protagonista, Severino, debate-se em agonia entre a vontade de viver e sua impossibilidade material. A questão posta é a aparente inevitabilidade da morte miserável, onde a atitude suicida representa ao mesmo tempo uma possibilidade de algum tipo de agência por parte do retirante e um meio de aliviar o sofrimento proressivo do definhamento. Assim, nota-se um movimento comum na literatura regionalista, o movimento de dialogar a desigualdade material condicionada por práticas sociais com problemáticas universais como a validade da vida e da morte.

b) Esta obra foi publicada em 1955, ou seja, 67 anos atrás. As reflexões propostas no poema continuam pertinentes à realidade brasileira?

R: É esperado que o aluno associe temporalidades distintas. Ainda que tenha tomado novas feições, a desigualdade social na porção norte do país, em termos econômicos e de desenvolvimento humano continuam patentes.

c) Em 2014 o Brasil havia saído do denominado “Mapa da fome”, mapeamento feito pela ONU (Organização das Nações Unidas) baseado em índices de desnutrição. O quadro, no entanto, foi revertido e demonstra um retrocesso do país em relação ao combate à insegurança alimentar. Na sua opinião, qual a relevância de textos como o de João Cabral de Melo Neto para a discussão e modificação de contextos políticos e sociais como o que vivemos?

R: É esperado que o aluno reflita sobre a prática literária como prática social. Toda obra de arte requer uma articulação com o real, com a vida e a cultura. Assim, respostas possíveis incluem o levantamento de tópicos como a sensibilização única que a literatura proporciona, a abrangência coletiva desta sensibilidade enquanto denúncia, e as possíveis reflexões que derivam destas relações. É possível lembrar, também, do papel da arte como contraponto a contextos opressivos, cujo grande exemplo brasileiro é o período da ditadura militar, que perdurou de 1964-1985.

2) Considerando o verso “[...] deixe agora que lhe diga: não sei bem a resposta [...]”, responda:

a) Classifique as orações que compõem o período composto.

R: deixe agora: oração principal; que lhe diga: oração subordinada objetiva direta; não sei bem a resposta: oração subordinada objetiva direta.

b) Agora interligue as duas orações subordinadas, substituindo a pontuação por uma conjunção integrante. Houve alteração de sentido?

R: oração alterada: “[...] deixe agora que lhe diga que não sei bem a resposta [...]”. Não há alteração semântica significativa.

c) Agora leia as duas versões em voz alta. Existe alteração entonacional, considerando a natureza sonora do poema? Pensando a natureza eminentemente dramática do texto, dada a seriedade do assunto e o fato de que se trata de um auto, um gênero teatral, existe alteração do potencial dramático com o acréscimo da conjunção? Que efeito tal teatralidade pode gerar no leitor / espectador?

R: É esperado que o aluno reconheça a alteração prosódica da passagem, acarretando um descompasso rítmico em relação à fluidez sonora do poema. Da mesma forma, perde-se a pausa dramática proporcionada pelos dois pontos; a resposta de José Carpina é a conclusão de um longo debate entre as duas personagens, além de fechar a obra; Assim, a ênfase nesta resposta é absolutamente necessária para a harmonia artística do texto. Esvazia-se, desta forma, o poder de chocar que a versão original possui.

d) Com base na resposta da questão anterior, foi possível observar que aspectos formais do poema podem interferir na recepção do texto pelo leitor, alterando, conseqüentemente, a construção de sentido da obra literária. Alguns verbos como “dizer”, quando se encontram como verbo principal em relação a uma subordinada objetiva direta, introduzem e reproduzem uma outra voz no mesmo enunciado. No trecho analisado, a qual personagem pertence a voz reproduzida: ao Carpina ou a Severino? Qual efeito de sentido esta estrutura sintática gera?

R: O discurso introduzido é o do próprio enunciador, Seu José Carpina. Ao citar-se no próprio discurso, a personagem modaliza, portanto condiciona matizes semânticos específicos, a oração subordinada. No caso, considerando a totalidade da oração principal, é impresso um sentido de incerteza, mesmo que resignada, em relação ao conteúdo da proposição. O acréscimo do advérbio “agora” apenas vem a reforçar isso. Conclui-se que esta construção gramatical coaduna o enredo do texto, uma vez que é uma conclusão a que chega depois de vários acontecimentos; ainda assim, sabe que a conclusão não é certa, porque a lógica não possui elementos para defender a subjetividade da existência humana. Se José Carpina colocasse sua resposta como definitiva, seria contraproducente e contraditório.

3) Considerando os seis últimos versos do poema, responda:

a) Classifique as orações encabeçadas pela locução “mesmo quando”. A qual oração elas se ligam? Mesmo possuindo o advérbio temporal “quando”, é possível tratá-las como orações subordinadas adverbiais temporais? Explique.

R: São orações subordinadas adverbiais concessivas, adjungidas sintaticamente à oração principal “Vê-la brotar [...] em nova vida explodida”. É esperado que o aluno perceba que a tipologia adverbial descontextualizada do advérbio “quando” não propicia uma classificação suficientemente abrangente das orações subordinadas em sua situação de uso. Na prática, o sentido de concessão é mais evidente quando associado ao enredo da obra, ainda que as especificidades semânticas desta construção em comparação com uma conjunção concessiva prototípica e suas implicações estilísticas serão melhor exploradas na questão c).

b) Por que o autor repete, sucessivamente, este tipo de construção, justamente na conclusão argumental de Seu José Carpina? Qual efeito de sentido é criado?

R: O uso reiterado das concessivas constrói o sentido de contorno constante de adversidades, de obstáculos. Este tipo de construção gramatical facilita o delineamento semântico da visão de mundo da personagem e que, no limite, corresponde ao fechamento de seu argumento. Em outras palavras, ele reconhece as intempéries, mas advoga a sua superação. Além disso, a anáfora da locução adverbial sugere a quantidade de dificuldades.

c) Agora, troque a locução adverbial por “apesar”, realizando as alterações necessárias. O sentido estabelecido na questão anterior se mantém apesar da oclusão da palavra “quando”? Por quê?

R: Frases alteradas: “apesar de ser assim pequena”, “apesar de ser uma explosão, como há de pouco, franzina” e “apesar de ser a explosão de uma vida severina”. O sentido não se mantém intacto: a locução, devido à presença do advérbio temporal “quando”, sugere o efeito de sentido de simultaneidade temporal, ou seja, a vida ocorre simultaneamente de forma bela e severina. A questão temporal não é colocada em pauta com o uso do advérbio “apesar” que sugere a oposição sem, no entanto, contribuir com esta especificidade semântica. Assim, é possível verificar a não existência de sinônimos perfeitos no texto; portanto, nada é por acaso.

d) A sentença de José Carpina é assertiva: “é difícil defender só com palavras a vida”. O texto, entretanto, apresenta uma defesa da manutenção da vida humana. Pensando na natureza artística da literatura e no potencial expressivo das expressões gramaticais e seleção de palavras, explique como João Cabral de Melo Neto advoga a favor da vida, usando palavras, mas indo mais além, de forma que se mostre coerente com o enunciado de sua própria personagem.

R: É esperado que o aluno mobilize a distinção entre informação pura e conceitual e a experiência dinâmica de uma imagem artística, que transmite saberes, mas a partir de uma dedução vivencial. O poema de João Cabral de Melo Neto é feito de palavras, mas constrói imagens e, a partir dela, vida. Assim as palavras deixam de ser meros transportes de informação e tornam-se tinta, que sedimentam os sentidos exalados do texto. Nesta perspectiva, as construções gramaticais analisadas nestas questões contribuem com essas sutilezas semânticas, demonstrando quão produtivas são as ferramentas internas da Língua Portuguesa.

e) Aprofundando as considerações da questão anterior, lembre que este é um texto feito para ser representado e declamado. Como a visualização dos acontecimentos do texto contribuem para a defesa da vida?

R: É esperado que o aluno identifique a representação teatral fortaleça a plasticidade e vivacidade que a obra mesmo em uma leitura individual já possui. A peça possui mais poder de emocionar, ou seja, convencer por meio do sentimento, da vivência.

### **TEXTO III**

#### **A força nordestina: os migrantes do século 21 que transformam São Paulo**

Não é mais com calos nas mãos e sacos de cimento nas costas que muitos migrantes nordestinos constroem uma nova São Paulo. Durante o século XX, quando se tornaram a maior população da cidade vinda de fora da capital, eles carregaram o estigma de ser uma força de trabalho para serviços duros e mal remunerados. Agora, transformam a metrópole por meio da gastronomia, do design, de startups inovadoras e até da construção de prédios — mas, desta vez, no papel de donos das construtoras.

Ainda que as duas principais fontes de informação sobre as migrações (o Censo e a Pnad) estejam desatualizadas, a mudança no perfil dessas novas personalidades é atestada por especialistas e levantamentos oficiais. (O Censo mais recente é de 2010; a Pnad, em 2012, deixou de medir mais a fundo o fenômeno). “De lá para cá, a principal novidade é a inclusão escolar. A chance de uma criança estar matriculada no Piauí é maior do que no estado de São Paulo (nos dois casos, é próxima de 98%). Assim, mesmo sem dados recentes, é seguro afirmar que a grande diferença dos migrantes do século XXI é a educação mais elevada”, diz Herton Araújo, diretor adjunto de Estudos e Políticas Sociais do Ipea.

É sinal de que enfim — e felizmente — os nordestinos disputam com maior igualdade os bons empregos e ampliam-se chances de abrir negócios mais sofisticados na metrópole. “Tenho muitos amigos conterrâneos em São Paulo, na faixa dos 30 anos, em bancos de investimento”, diz o recifense Gustavo Maia, 36, fundador da startup Colab. No outro extremo da mudança, o piauiense Aldenir Lemos, 45, lida com a falta de mão de obra na construtora que criou na cidade, em 2009. “Temos carência de várias funções, como a de azulejista. Na minha área, 70% da mão de obra é velha. Os nordestinos jovens não vêm mais para cá com os sonhos que a minha geração tinha”, diz.

Nas décadas passadas, a desigualdade de oportunidades era mesmo o traço mais forte desse fluxo. O retrato das estatísticas mostrava uma população migrante de baixa renda e escolaridade, mas que pegava no pesado. Os pernambucanos, baianos e cearenses eram 21% da população economicamente ativa (aquela entre 30 e 60 anos) da região metropolitana de São Paulo em 2009. Os três grupos tinham, na época, entre 3,4% e 4,7% de pessoas com ensino superior completo. Ganhavam por volta de 930 reais por mês — enquanto os paulistas recebiam em média 2.000 — e ocupavam empregos de pior qualidade (dois dados chamavam atenção: a maior taxa de empregadas domésticas era registrada entre quem vinha da Bahia, com 21% das pessoas nessa função, enquanto os cearenses se destacavam nos trabalhos por conta própria, como o de taxista). Os nordestinos superavam os nascidos em São Paulo apenas em um indicador: as horas na labuta. Entre os paulistas, só 33% trabalhavam mais de 45 horas semanais. Nos migrantes, o índice variava de 39% a 44%, segundo a Pnad.

Não só de números é feita essa história. Os registros mais pungentes, claro, são aqueles que relembram o aspecto humano dessa migração. No dia 27 de junho

de 1970, o jornal *O Estado de S. Paulo* trazia uma manchete tão inspirada quanto triste: “Na Hospedaria, o frio é maior”. Dizia respeito à Hospedaria de Imigrantes, no Brás — e à histórica frente fria que levou os termômetros da região do Horto Florestal a registrar 1,8 grau negativo. Na casa de acolhimento, passaram por volta de 1,5 milhão de nordestinos entre o início do século e 1978, quando o lugar deixou de exercer essa função. “A situação era precária, faltavam cobertores, e quem vinha desses estados sofria mais com a temperatura”, diz Henrique Trindade, historiador do Museu da Imigração. “O tratamento que os governantes dedicavam aos nordestinos era extremamente diferente daquele dado aos estrangeiros que vinham para São Paulo. Enquanto esses últimos tinham até a passagem de navio paga pelo estado e bilhetes de trem se quisessem ir para o interior, os nordestinos bancavam do bolso a viagem nos precários paus-de-arara (carretos superlotados e, há décadas, proibidos)”, explica o especialista.

Os tempos são outros, mas o que jamais mudou é a forte influência dos nordestinos na demografia e na cultura da cidade. Eles representavam nada menos que 15% da população paulistana em 2010, um dado que provavelmente não teve alterações relevantes. Eram 663.414 baianos, 366.271 pernambucanos e 190.348 cearenses — ainda os três principais contingentes. Que, não à toa, imprimem seus jeitos e costumes na alma da metrópole — notadamente em bairros como o Brás e o Largo Treze.

Um sinal dessa influência: em 1991, o paulistano José de Abreu fundou a primeira rádio de música nordestina em São Paulo, a *Atual*, na frequência 1370 AM. Três meses depois, a estação ocupava o terceiro lugar em audiência. Entusiasmado, Abreu criou o conhecidíssimo Centro de Tradições Nordestinas, no Limão. Vítima de preconceito, o local foi pichado pouco depois da inauguração com um absurdo “Morte aos nordestinos” e símbolos fascistas. Aos poucos, porém, caiu no gosto dos moradores e, ano após ano, tem registrado mais paulistas entre o público. De quebra, ajudou a romper outros tipos de discriminação. “Nossos casamentos comunitários, que acontecem uma vez por ano, são famosos. Em 2012, fizemos o primeiro casamento comunitário homoafetivo do estado, que juntou 47 casais”, conta Christiane Abreu, 33, filha do fundador e atual presidente da entidade.

Celebrar a sofisticação da nova safra migrante não pode soar, de maneira alguma, como um desmerecimento do trabalho feito por aqueles que chegaram nas décadas anteriores, nem de suas peculiaridades culturais. Como escreveu Patativa

do Assaré, o genial trovador cearense: “Você é muito ditoso /Sabe lê, sabe escrevê /Pois vá cantando seu gozo /Que eu canto meu padecê”.

Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capa-migrantes-nordestinos-sao-paulo/>. *Veja São Paulo*, 2021 (adaptado).

### **Exercícios - texto III**

1) A partir da leitura do texto é possível inferir duplo sentido à palavra “força” utilizada no título da notícia. Quais sentidos são esses?

R: Após a leitura, é possível perceber que num primeiro momento a força nordestina era encarada como força braçal, contudo, a atual geração que vive em São Paulo possui uma força relacionada à ascensão social, pois são agentes transformadores da economia paulista a partir de sua mão de obra qualificada.

2) A notícia trata de diversas transformações da força nordestina. Quais fatos expostos no texto corroboram com essa afirmativa? Exemplifique com trechos do texto para comprovar sua resposta.

R: Dentre os fatos expostos na notícia que trata da mudança no perfil da dita força nordestina, destacam-se os dados estatísticos apresentados e os relatos diretos de migrantes nordestinos ou descendentes desses migrantes, que demonstram a transformação de uma força nordestina tida como braçal, menos qualificada, para uma mão de obra mais escolarizada e qualificada. O trecho “De lá para cá, a principal novidade é a inclusão escolar. A chance de uma criança estar matriculada no Piauí é maior do que no estado de São Paulo [...]” constata que a educação entre paulistas e nordestinos tornou-se mais equitativa, de forma que a força nordestina é agora detentora de maior grau de instrução. E na citação “Tenho muitos amigos conterrâneos em São Paulo, na faixa dos 30 anos, em bancos de investimentos” o interlocutor recifense traz à tona que parte da sua geração de conterrâneos atua em bancos de investimentos, setor que demanda alto grau de instrução e qualificação, além de proporcionar alto retorno financeiro.

3) Considere o excerto abaixo, no qual Herton Araújo expressa sua opinião:

“Assim, mesmo sem dados recentes, é seguro afirmar que a grande diferença dos migrantes do século XXI é a educação mais elevada”, diz Herton Araújo, diretor adjunto de Estudos e Políticas Sociais do Ipea.

a) Substitua a construção ser + adjetivo “é seguro” por “é certo”. Indique se houver mudança de sentido, especialmente em relação à opinião do interlocutor.

R: “Assim, mesmo sem dados recentes, **é certo** afirmar que a grande diferença dos migrantes do século XXI é a educação mais elevada”. É esperado que o aluno perceba que esse tipo de construção pressupõe a opinião do falante. A construção “é certo” demonstra uma opinião mais assertiva, enquanto o “é seguro” produz uma opinião velada, menos comprometida, pois como o próprio falante afirma que não existem dados recentes que comprovem essa diferença dos migrantes do século XXI.

b) Dentre as características do gênero jornalístico destaca-se a impessoalidade, entretanto, esse excerto apresenta de forma direta uma opinião. Por que isso ocorre?

R: Em relação ao gênero jornalístico, é esperado certa impessoalidade de quem escreve, nesse caso, o falante é uma figura de autoridade no assunto (Herton Araújo, diretor adjunto de Estudos e Políticas Sociais do Ipea) e sua fala é expressa a partir do discurso direto, além disso, o verbo *dicendi* “afirmar” demonstra a incidência desse dizer, resultando na concepção do falante acerca do contexto exposto.

4) Leia novamente o trecho a seguir: “Nossos casamentos comunitários, **que acontecem uma vez por ano**, são famosos.”.

a) Classifique sintaticamente a oração destacada.

R: É esperado que o aluno classifique a oração destacada como uma oração subordinada adjetiva explicativa, por exercer a função de adjunto adnominal da oração principal.

b) Qual a função sintática exercida pela palavra “que”?

R: A palavra “que” é pronome relativo.

c) Agora, retire as vírgulas do período. Há alteração de sentido? Explique.

R: Sim, há alteração de sentido. A omissão das vírgulas acarreta na passagem da oração subordinada adjetiva explicativa para oração subordinada adjetiva restritiva, visto que não temos mais uma explicação, uma informação adicional quanto aos casamentos comunitários expressa entre vírgulas, mas uma restrição, uma especificação que delimita tais casamentos.

5) Considere a oração subordinada substantiva objetiva direta (em destaque) a partir do discurso direto: “**A situação era precária, faltavam cobertores, e quem vinha desses estados sofria mais com a temperatura**”, diz Henrique Trindade, historiador do Museu da Imigração. E responda:

a) Cite outro exemplo de discurso direto presente no texto.

R: Há diversos exemplos no texto, um deles seria: “Tenho muitos amigos conterrâneos em São Paulo, na faixa dos 30 anos, em bancos de investimento”, diz o recifense Gustavo Maia, 36, fundador da startup Colab.

b) Reescreva o trecho apresentado na questão 5 transformando-o em discurso indireto.

R: Henrique Trindade, historiador do Museu da Imigração, disse que a situação era precária, faltavam cobertores, e quem vinha desses estados sofria mais com a temperatura.

c) A partir da transformação do discurso direto para indireto é possível perceber certas diferenças entre eles. Qual o efeito do uso recorrente do discurso direto nessa notícia?

R: A reprodução fiel da fala dos entrevistados ou de autoridades no assunto são recursos utilizados para dar confiabilidade às informações relatadas e também para não se comprometer com elas, uma vez que há certo distanciamento entre o enunciador e quem diz.

6) O enunciador utiliza diversas fontes para dar credibilidade às informações fornecidas. Qual outro recurso o enunciador mobiliza para dar credibilidade aos fatos narrados? Transcreva um trecho em que esse recurso é utilizado.

R: O enunciador utiliza dados numéricos (porcentagens, idades, horas, valores monetários, quantidades) derivadas de pesquisas. Também há diversas datas, uma vez que a notícia se propõe a traçar um paralelo entre a força nordestina do século XX e do século XXI. Neste sentido, as idades dos entrevistados corroboram com este movimento de comparação, uma vez que traz a perspectiva de pessoas adultas, que já tenham uma vida consolidada em São Paulo, para validar essa “força nordestina” do século XXI. Alguns trechos possíveis:

“Os pernambucanos, baianos e cearenses eram **21%** da população economicamente ativa (aquela entre **30 e 60 anos**) da região metropolitana de São Paulo em **2009**.”

“Eles representavam nada menos que **15%** da população paulistana em **2010**, um dado que provavelmente não teve alterações relevantes. Eram **663.414** baianos, **366.271** pernambucanos e **190.348** cearenses — ainda os **três** principais contingentes.”

7) Considere o trecho “Eram 663.414 baianos, 366.271 pernambucanos e 190.348 cearenses — ainda os três principais contingentes. **Que, não à toa, imprimem seus jeitos e costumes na alma da metrópole — notadamente em bairros como o Brás e o Largo Treze.**” e responda:

a) Classifique a oração destacada.

R: Oração subordinada adjetiva restritiva.

b) Em geral, as orações subordinadas compartilham o mesmo período com suas orações principais. Qual efeito de sentido é criado quando o autor deste texto opta por separá-la em um período distinto?

R: É esperado que o aluno reconheça que, ao isolar a oração subordinada, a informação veiculada pela mesma é posta em destaque. Assim, esta estrutura sintática ressalta a relevância cultural da população nordestina na metrópole paulista.

c) Transforme a oração destacada em uma oração simples, iniciada pela locução adverbial "desta forma".

R: Desta forma, não à toa, imprimem seus jeitos e costumes na alma da metrópole - notadamente em bairros como Brás e o Largo Treze.

d) Qual é a classificação do sujeito, na versão original e na versão alterada?

R: Versão original: sujeito simples "que"; versão alterada: sujeito oculto anafórico.

e) Pensando que os elementos expressos no texto são mais evidentes do que elementos ocultos, qual das duas versões é mais expressiva? Explique.

R: Espera-se que o aluno identifique a oração subordinada adjetiva como mais expressiva, uma vez que retoma o sujeito de forma direta estabelecendo uma relação explícita entre ele e o conteúdo veiculado, o que não ocorre na oração simples com sujeito oculto anafórico.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

CARVALHO, P.; LOURENÇATO, A. *A nova força nordestina: os migrantes do século 21 que transformam São Paulo*. *Veja São Paulo*, 2021 (adaptado). Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capa-migrantes-nordestinos-sao-paulo/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NETO, J. C. de M. *Morte e Vida Severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

RAMOS, G. *Vidas secas*. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. *Sintaxe das orações complexas em português: uma proposta de descrição e ensino*. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4681>. Acesso em: 15 jun. 2022.